

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2013



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
Secretaria da Educação

# ORALIDADE EM LÍNGUA INGLESA na escola pública: desafio para ser discutido e enfrentado

Salette da Silva <sup>1</sup>  
Luciana Cabrini Simões Calvo <sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca descrever e analisar as ações desenvolvidas no projeto “*Competência Oral em Língua Inglesa: um desafio para a escola pública*”, produzido para o Programa de Desenvolvimento Educacional 2013, destinado para alunos do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual São Vicente de Paula, no município de Nova Esperança, no 1º semestre de 2014. O projeto tratou dos problemas que permeiam as aulas de inglês, no que se refere ao ensino da oralidade, buscando alternativas para a superação destas dificuldades e para o desenvolvimento desta competência. Neste sentido, foi produzido um Caderno Pedagógico, composto por atividades que motivam a interação/comunicação, utilizando a língua inglesa, durante as aulas, oportunizando aos alunos o máximo de convivência com o idioma. Kawahara (2008), Santos (2011), Holden (2009) e Silva (2012), dentre outros pesquisadores, fundamentaram o projeto e este artigo, defendendo a importância de se trabalhar a oralidade e apregoando a necessidade de se oportunizar espaços planejados para a interação comunicativa. Após a descrição da implementação, são analisados dados da participação dos professores do GTR 2013, bem como de um questionário, endereçado aos alunos. Nas considerações finais, é apontada a necessidade de se repensar o ensino de inglês, bem como de se planejar espaços e atividades direcionados à prática da oralidade. Constatou-se que os alunos podem aprender inglês para a comunicação oral, se forem motivados para o desenvolvimento desta competência.

Palavras-chave: Abordagem Comunicativa. *Input*. Oralidade em Língua Inglesa.

## 1 INTRODUÇÃO

Ser professor e professora na disciplina de Língua Inglesa, nas escolas brasileiras, é tarefa desafiadora, especialmente, em se tratando das escolas públicas, uma vez que as autoridades governamentais, muitas vezes, não consideram tal disciplina importante e necessária a um currículo que prime por uma educação de qualidade.

Tal problema não é parte só da realidade atual, pois, ao se analisar a história da inserção da língua inglesa no currículo escolar, é possível se compreender que tal visão se arrasta há séculos no Brasil. No que concerne a este tema, Santos (2011) relata:

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Estadual do Paraná. Graduada em Letras (Português/Inglês). Especialização em Ensino da Língua Inglesa. Professora participante do PDE 2013. E-mail: salete.s@seed.pr.gov.br

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: cabrinisimoes@gmail.com

Desde o século XIX o sistema educacional vem sendo submetido a sucessivas reformas nas quais o ensino de língua inglesa tem sido ora negligenciado, ora tratado indevidamente, chegando até mesmo a ser excluído da grade curricular obrigatória pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgados em 1961 e 1971 (SANTOS, 2011, p.1).

Verifica-se, então, que as dificuldades que são vivenciadas na sala de aula, para o ensino desta disciplina, já foram partilhadas por muitos professores, no transcorrer do tempo, e embora muitos estudiosos tenham discutido a respeito, leis tenham sido promulgadas, ainda há um longo caminho a ser trilhado para o ensino e aprendizagem da referida língua com resultados satisfatórios.

Com pertinência ao ensino do citado idioma, de acordo com Kawahara (2008, p.8), “[...] é incontestável a abrangência e a importância da língua inglesa no contexto mundial, considerada hoje uma língua franca para comunicação entre os diversos povos”. Contudo, pode ser facilmente constatado que há uma dicotomia ao se tratar do seu ensino: argumenta-se que é primordial aprendê-lo e os professores têm buscado ensinar aos alunos aquilo que lhes é possível, em se tratando das quatro habilidades requeridas para a aprendizagem de um segundo idioma, no entanto, devido às condições desfavoráveis que as escolas públicas apresentam, é preciso admitir que a proficiência dos alunos ainda é insatisfatória.

Ao se analisar os Planos de Trabalhos Docentes (PTDs) dos professores da citada disciplina, percebe-se claramente que são poucos os espaços destinados ao uso da língua como instrumento de comunicação e interação oral entre os alunos. Sobre esta ausência do ensino da oralidade nas salas de aula de língua inglesa, Santos (2009) atesta que:

Para o estudante da educação básica, são raros os espaços de interação com a língua inglesa que está em processo de aquisição e muitas vezes o estudante pode jamais ter contato com a oralidade deste idioma dada a prática danosa da exploração gramatical única e simplesmente sem oportunizar ao estudante a oportunidade de executar a fala (SANTOS, 2009, p.4).

Ainda referenciando Santos (2009), o autor discorre sobre a importância de se trabalhar a competência oral do aluno, revelando que:

[...] pensar a oralidade enquanto elemento de domínio da língua é pensar o desenvolvimento do ser comunicativo. A comunicação pode se dar por inúmeros meios, no entanto é na fala que a comunicabilidade encontra

fulcro de maior monta no estabelecimento das relações sociais (SANTOS, 2009, p.4).

Diante do cenário apresentado, que atesta a necessidade de se refletir e buscar alternativas para a superação das dificuldades que permeiam as aulas de Língua Inglesa, no que se refere ao ensino da habilidade oral, foi desenvolvido e implementado no Colégio Estadual São Vicente de Paula, no município de Nova Esperança, o projeto intitulado *Competência Oral em Língua Inglesa: um desafio para a escola pública*, proposto pelo Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2013. O referido estudo foi direcionado a 26 alunos do 1º ano do Ensino Médio da Educação Geral, tendo como objetivo motivá-los para a prática da comunicação oral, nas aulas de Língua Inglesa. Para tal, foi oportunizado a eles o máximo de convívio possível com o idioma em questão, por meio da proposta de atividades de interação, que compõem um Caderno Pedagógico organizado para este fim.

Os estudos de Kawahara (2008), Santos (2009), Holden (2009) e Silva (2011), dentre outros importantes pesquisadores, fundamentaram o referido Projeto Pedagógico, com todos os autores defendendo a importância de se trabalhar a oralidade nas aulas da referida disciplina, apregoando a necessidade de se oportunizar aos alunos espaços planejados para que ocorra a interação comunicativa.

Sendo assim, o presente artigo busca descrever, sistematizar e analisar as ações desenvolvidas pela autora do já citado projeto, analisando os resultados obtidos na implementação deste, sendo que para finalizá-lo serão apresentadas algumas considerações e sugestões que, espera-se, possam contribuir para encaminhar futuras pesquisas sobre o tema, como também para o aprimoramento da prática dos professores da disciplina de língua inglesa.

## **2. O ENSINO DA ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Embora seja reconhecida pela sociedade em geral a importância de se dominar a língua inglesa, ensiná-la e aprendê-la tem se configurado, segundo os professores, um desafio, principalmente, no tocante à habilidade oral, a mais difícil de ser trabalhada nas salas de aula das escolas públicas.

A respeito disto, Silva (2011) aponta que são três os fatores que contribuem para a baixa proficiência dos alunos: o preconceito, o fator econômico e o social. A respeito destes, a autora assim explicita:

Sob o ponto de vista do preconceito, as escolas regulares alimentam a ideologia da não relevância do ensino da oralidade nas escolas, devido às dificuldades espaciais e a falta de recursos didáticos, em que tais aspectos configuram situações de impossibilidade total ou parcial. Quanto às repercussões econômicas, os gastos seriam superiores às condições das instituições públicas brasileiras. E do ponto de vista do social, este causaria frustração de ambos docentes e discentes, no caso de fracasso no ensino da oralidade de língua inglesa (SILVA, 2011, p.97).

Como complicador do cenário acima apresentado, o ensino de língua inglesa, bem como de outras línguas estrangeiras, nas escolas públicas, não tem sido reconhecido a contento pelas legislações vigentes, que regulamentam tal assunto (e.g. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs), pois as mesmas não consideram como relevante o ensino da oralidade em sala de aula. Tal apontamento é confirmado por Silva (2011), que sobre isto declara:

[...] as escolas que seguem as diretrizes de base só atentam para a leitura e interpretação textual, e não valorizam a comunicação oral. Dentre as quatro habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, a fala deveria ser um componente importante na abordagem de ensino. Sendo assim, é necessário reaver as condições das instituições e dos alunos da rede pública (SILVA, 2011, p.97).

Em se tratando da fala, sabemos que ela é o meio de comunicação mais utilizado pelos grupos sociais, portanto, não há como ignorar a importância de sua aprendizagem por nossos alunos, que se sentem muitas vezes desmotivados por não dominarem a habilidade oral, em língua inglesa, ao término de vários anos de estudo. Sobre esta questão, Dias (2002) assim se pronuncia:

As lacunas deixadas pela escola pública e a necessidade que a própria sociedade sente de preencher a deficiência na formação do aluno em relação ao domínio de língua(s) estrangeira(s) têm acarretado a proliferação de cursos particulares de idiomas que não podem ser encarados como solução, tendo em vista o seu alto custo, que deixa uma grande parcela dos alunos fora do alcance de seus benefícios. É necessário que seja assegurado a todos, de forma democrática, o acesso ao domínio de língua(s) estrangeira(s) durante o período da educação básica (DIAS, 2002, p.2).

Para que ocorram avanços nesta área, é preciso que o professor de língua estrangeira planeje sua prática, oportunizando espaços de comunicação e interação oral, pois quando este não se comunica com os seus alunos por meio da língua, que é o foco de seu ensino, ele está desistindo da principal característica que o diferencia dos demais professores de outras disciplinas, o fato de ser bilíngue. Além disso, o professor está tirando de seus alunos a chance de se desenvolverem na aprendizagem de um segundo idioma.

No que diz respeito, então, à aprendizagem de uma língua estrangeira, devemos considerar que o *input*<sup>3</sup> (ou insumo) é de suma importância para o desenvolvimento da competência linguística do aluno. Nesse caso, é fundamental que o idioma seja utilizado o máximo possível em sala de aula, das formas mais diversificadas, oportunizando, desse modo, espaços de interação comunicativa aos alunos. Desta forma, será priorizado o uso da língua, com uma menor ênfase na sua estrutura apenas.

Considerando tais ideias, percebemos o quão relevante é o trabalho do professor, no que diz respeito ao planejamento de suas aulas, pensando em uma atmosfera espontânea na sala de aula, contextualizada com as situações reais diárias dos alunos, criando espaços para que ocorra a interação comunicativa, oral, na língua inglesa.

Além das noções anteriormente apresentadas, quando se trata do ensino de uma língua estrangeira, é importante que o professor tenha conhecimento dos métodos e abordagens de ensino, para que possa selecionar aquele(s) que melhor se adapta(m) à realidade de sua escola e de seus alunos. Sobre isto, Silva et al. (2012) declaram:

Ao planejarmos uma boa aula, precisamos analisar muitos aspectos para que o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja bem sucedido. Faz-se necessário que o professor conheça bem os métodos de ensino, ainda mais hoje em dia, quando não há mais apenas um método que deve ser escolhido em detrimento do outro. Por isso mesmo, esse ecletismo metodológico requer que o professor tenha uma formação mais ampla, crítica e autônoma para fazer suas escolhas e práticas de modo intencional e consistente (SILVA et al., 2012, p.4).

Em uma visão geral sobre os métodos e abordagens que já foram utilizados ao longo dos tempos, para o ensino da língua inglesa, podem ser apontados como

---

<sup>3</sup> Em línguas, refere-se a tudo que lemos, ouvimos e escutamos.

os principais: Método de tradução gramatical; Método direto; Método Audiolingual; Abordagem Comunicativa; Abordagem Natural; Método de Aprendizagem em grupo; e Método silencioso.

Conforme Silva et al. (2012, p.5), por meio de uma análise desses métodos e abordagens, é possível constatar que eles foram sendo pesquisados e selecionados para aplicação à medida que se verificava a sua ineficiência e suas lacunas.

Desta forma, pode se compreender que não se torna obrigatório aos professores o seguimento deste ou daquele método, assim como não se pode apontar este ou aquele como certo ou errado, sendo possível, ao invés disto, selecionar dentre eles o que for necessário levar para as aulas de língua inglesa, para que se obtenha êxito no processo de ensino/aprendizagem, considerando o perfil dos alunos.

Sobre isto Silva et al. (2012) apontam que,

[...] podemos criar nossa própria abordagem de ensino de idiomas, e esta pode ser eclética e esclarecida. **Eclética** porque podemos escolher de cada um dos métodos e das abordagens existentes o que for necessário para o ensino de uma língua estrangeira e **esclarecida** porque nossos conhecimentos teóricos estarão baseados em seus princípios fundamentais ao selecionarmos as técnicas que utilizamos em sala (SILVA et al, 2012, p.4, grifo do autor).

No projeto *Competência oral em língua inglesa: um desafio para a escola pública*, objeto de análise deste artigo, os fundamentos da abordagem comunicativa são os que mais se destacam nas ações previstas pela pesquisadora, tendo sido escolhida por se apresentar como aquela que melhor se adapta aos estudos desenvolvidos. Convém, então, lembrar em que esta abordagem se baseia, por meio de uma definição de Lima e Silva Filho (2013):

A abordagem comunicativa defende que a unidade básica da língua é o ato comunicativo ao invés da frase. O mais importante passa a ser o significado e não a forma. A competência comunicativa é o objetivo e não a memorização de regras. Para que essa competência ocorra, afirma-se que devem ser usadas situações do dia-a-dia dos alunos, assim eles conseguirão aprender as formas gramaticais percebendo que estas possuem utilidade e podem ser usadas no cotidiano. Além disso, poderão desenvolver as quatro habilidades da língua (*listening, reading, writing e speaking*) (LIMA; SILVA FILHO, 2013, p.21).

Entretanto, não basta ao professor selecionar os métodos/abordagens que melhor se apliquem às suas aulas, é preciso que se tenha claro o que se deseja que

o aluno aprenda, que habilidade ele precisa desenvolver. Desta forma, para o ensino da habilidade oral é necessário que o professor assuma uma postura comunicativa na sala de aula. De acordo com Almeida Filho (1998), ser comunicativo significa dar menos ênfase no ensinar e preocupar-se diretamente com o aluno, com as suas especificidades, enquanto sujeito/ agente responsável pela construção de sua formação. Sendo assim, o ensino/aprendizagem de língua estrangeira deve oportunizar que o aluno se reconheça nas questões que fazem sentido para ele, para sua vida, para o seu futuro (ALMEIDA FILHO, 1998, p.42).

Segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais, os professores de Língua Estrangeira Moderna devem se apoiar na diversidade de gêneros textuais para organizarem seu trabalho, buscando ampliar a compreensão dos alunos sobre os diversos contextos de produção do discurso e as várias formas que a linguagem pode apresentar (PARANÁ, 2008, p.58). Sendo assim, em face da necessidade de se incorporar uma visão de ensino de Língua Estrangeira centrada na língua como prática social, para a organização das Unidades Didáticas, constantes no Caderno Pedagógico, foram escolhidos textos que estivessem presentes nas práticas discursivas rotineiras dos alunos (apresentações informais, diálogos e entrevistas), visando oportunizar a estes sujeitos maior possibilidade de interação e apropriação do discurso.

Frente ao exposto, no que se refere aos métodos/abordagens, ao trabalho fundamentado na diversidade dos gêneros textuais, bem como na utilização de tantos outros recursos pedagógicos, na verdade, o que deve ser considerado pelo professor, quando planeja a sua prática, é que todos eles devem ser analisados e selecionados levando-se em conta se são apropriados e viáveis para o alcance das metas de aprendizagem estipuladas para os seus alunos, depois de avaliadas as especificidades de cada turma.

## **2.1 A Implementação do Projeto na Escola**

Quando pesquisei as atividades para compor o Caderno Pedagógico, tinha como propósito que estas deveriam ser fáceis, viáveis, que pudessem fazer parte dos Planos de Trabalho Docente dos professores de forma prática. Sendo assim, cabe salientar que o produto final foi estruturado em duas Unidades Didáticas, orientadas por gêneros textuais e temas que se relacionam, organizadas com



atividades diversificadas, direcionadas, em sua maior parte, para a oralidade, uma vez que não podemos fugir de oportunizar ao aluno a aprendizagem das demais habilidades. Ao se analisar as Unidades Didáticas, observa-se o trabalho de leitura e compreensão, feito com vídeos e textos escritos; questionamentos (orais e escritos); exercícios com alternativas de múltipla escolha, estratégia pensada para trazer dinamismo às aulas; além das propostas de produções de textos e diálogos orais.

Em relação à implementação, fiz uma breve apresentação do Projeto à comunidade escolar, durante a Semana Pedagógica, que costuma iniciar o ano letivo. Posteriormente, iniciadas as aulas, foi realizada uma exposição oral, direcionada aos alunos do 1º ano, com explicações sobre como seria a aplicação do Caderno Pedagógico.

Com o desenvolvimento das primeiras atividades, já foi possível constatar a resistência dos alunos em usar a língua inglesa, em sala de aula, devido à timidez, à falta de hábito e/ou ao medo do julgamento por parte dos colegas, se por ventura errassem. Assim como na maioria dos contextos, a falta de vocabulário e do domínio básico da língua dificultou muito o trabalho com a oralidade. Entretanto, apesar desses entraves, pude observar, depois de muita persistência e boa motivação, que os alunos, aos poucos, foram percebendo que eram capazes de se comunicar em inglês durante as atividades propostas, bem como em outras que não eram controladas, como por exemplo, respondendo a perguntas elaboradas pela professora e/ou utilizando os comandos que comumente usamos em sala de aula, que foram lembrados e afixados em um cartaz, na parede da sala, no início da implementação do Projeto.

Quando fizemos a primeira encenação proposta no Caderno, em grupos de alunos, como conclusão da Unidade 1, TODOS participaram e gostaram da atividade, inclusive decorando alguns trechos do texto que acharam divertidos. Percebi, então, que eles estavam relaxando, soltando-se, aos poucos, e aprendendo a gostar de participar oralmente das atividades, sem receio de serem humilhados pelos demais colegas.

A respeito do interesse e motivação dos alunos, posso afirmar que eles oscilaram em sua participação, apresentando bom rendimento na maior parte das aulas. Entretanto, houve dias em que estavam dispersos, com preguiça, conversando muito. Sendo assim, por algumas vezes, tive que alterar o curso de minha Produção, criando de improviso situações que lhes trouxessem de volta à

aula. Bingo de numerais e um jogo de mímica são exemplos de atividades que não constavam no Caderno Pedagógico, mas que acabei por realizar, com o objetivo de despertar-lhes novamente a motivação e o interesse; estratégia que acabou dando certo.

Ao final da implementação da Unidade 1, eu já havia feito algumas considerações a respeito das dificuldades dos alunos e daquelas que nós, professores, enfrentamos para motivá-los ao uso da língua inglesa, no espaço da sala de aula. O fruto delas foi a certeza de que, como educadores, não podemos esperar que nossos alunos cheguem à escola motivados para a aprendizagem todos os dias, mas que nos cabe a tarefa de fazer de nossas aulas um espaço de investigação e reflexão sobre a prática, em que dia a dia possamos analisar o que está apresentando bons resultados e o que precisa ser aperfeiçoado, visando contribuir para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos.

Gostaria de compartilhar, também, como foi a participação dos alunos na atividade final da Unidade 1, que foi a produção escrita de um diálogo, atendendo a contextos propostos pela professora (pessoas se conhecendo em lugares e situações diferenciados) seguida de encenação: dos cinco grupos de trabalho, dois foram rápidos na criação dos textos; dois tiveram mais dificuldades para a tradução para o inglês, uma vez que a versão, na língua materna, não estava muito boa, então, tive que ajudá-los nisto, primeiramente. Vale refletir neste momento sobre a observação de que uma parte dos alunos (em torno de 35%) ainda tem incorporada como forma de aprendizagem de uma língua estrangeira o método da tradução, uma vez que, provavelmente, tenha sido por este meio que tenham aprendido anteriormente. Discuti com a turma sobre o fato de que a tradução pode apresentar função significativa, desde que seja utilizada abordando atividades com propósitos comunicativos. Sobre este assunto, Terra (2010, p.5) relata:

Defendendo uma Abordagem Comunicativa (AC) do ensino de língua(s) estrangeira(s), encontram-se várias publicações atuais focalizando os estudos da tradução e suas implicações na aprendizagem da língua-alvo. De uma forma geral, esses trabalhos consideram equivocado o divórcio atual entre a AC e a tradução, sob o argumento de que carecem de fundamentos os apelos feitos para que a citada abordagem do ensino de LE se recuse a utilizar a tradução pedagógica. Assim, como afirma Ridd (2003, p.102), "a tradução, empregada de forma consciente e criativa, pode enriquecer o ensino nos moldes da AC sem, de maneira nenhuma, contrariar os postulados e a filosofia que a caracterizam".

Dando continuidade à análise das produções dos alunos, quanto ao quinto grupo, eles não conseguiam criar o diálogo, mesmo sendo na língua materna, então, com estes, tive que discutir o assunto oralmente e estruturar o texto em inglês, junto com eles. Enquanto isto acontecia, os demais já treinavam sua pronúncia no *high speaker*, recurso disponibilizado pelo Google, apontado na Produção. Coube ao grupo retardatário fazer o aperfeiçoamento de sua pronúncia em casa.

No dia marcado, TODOS se apresentaram, fazendo uma leitura dramatizada, uma vez que os alunos tiveram problemas para se reunir e realizar a filmagem dos diálogos. Embora as coisas não tenham acontecido exatamente como eu havia planejado, percebi que estava no caminho certo, ao ver que havia despertado neles a consciência de que poderiam desenvolver sua competência oral.

Outra dificuldade observada durante a implementação das atividades diz respeito aos laboratórios de informática, que muitas vezes não podem ser utilizados, ou porque não estão disponíveis, ou por não estarem funcionando adequadamente, ou pela falta de um técnico para este setor, fatores que acabam causando transtorno ao andamento das aulas. Deparei-me com tal problema em dado momento de minha implementação, quando desejava mostrar aos alunos como funcionava o *Google Tradutor* e o *high speaker*, como recursos disponíveis que podem ajudá-los na tradução de textos e treino da pronúncia, respectivamente.

Pelo acontecimento relatado, pode ser constatada a necessidade de que se invista em laboratórios de Línguas Estrangeiras para as escolas públicas, pois são vários os recursos que podem ser acessados na internet e que podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. Estes, bem utilizados, podem despertar o interesse dos alunos e possibilitar que suas habilidades linguísticas sejam desenvolvidas e aprimoradas.

Sobre os recursos do *Google Tradutor*, vale a pena analisar os resultados de um estudo desenvolvido por Smaal (2010), publicado no site da *TECMUNDO*, em que ela assim relata:

Os tradutores online já deram um grande passo em seus códigos, mas ainda estão longe do que seria o ideal. Isso porque, por mais que tragam dados infinitos para pesquisa, eles não sabem como organizar toda essa informação de forma a utilizá-la na hora de uma “escolha” de tradução. Eles cada vez mais se tornam uma ferramenta para tradutores, que lapidam o texto e tiram dúvidas através dos serviços. Além disso, a tradução automática é recomendável para traduções rápidas, em sites e espaços do gênero.

Porém, a pergunta ainda fica: dá para confiar? Em termos. Ainda não há nenhuma que substitua uma boa tradução humana, baseada em conhecimento, uma boa dose de esforço e muitas escolhas interessantes (SMAAL, Beatriz, 2010, p.12).

Foram essas as informações que compartilhei com meus alunos, uma vez que, tendo o conhecimento de que eles utilizam tal recurso, sinto-me no dever de esclarecer a eles que podem fazer uso dele, mas de forma consciente e crítica, sabendo que deverão continuar a lapidar o texto, após a tradução inicial.

Retornando à implementação do projeto, ao preparar as atividades que compõem o Caderno Pedagógico, tomei o cuidado de estruturá-las em tópicos que vão do nível básico a um nível elevado, visando que as aulas não caíssem na rotina, que não desmotivassem os alunos e que, gradualmente, eles fossem capazes de ir construindo o conhecimento necessário para a realização delas. Sendo assim, no decorrer da Unidade 2, ficou evidente que os alunos já haviam se adaptado ao ritmo e à metodologia propostos para as aulas, desenvolvendo com certa facilidade e sem receio a sequência de atividades que o material trazia. Conforme o grau de dificuldade ia aumentando, a professora oferecia-lhes o suporte necessário. Vale enfatizar aqui, que as atividades aplicadas aos alunos não visavam somente o desenvolvimento da oralidade, uma vez que o uso da língua envolve vários aspectos, que vão desde o domínio de estruturas e variedades linguísticas, o vocabulário e o grau de formalidade, até a escolha do gênero textual que será utilizado em determinada situação.

Quanto ao uso da língua oral, eu fui mesclando inglês e português, durante as aulas, para ter certeza de que estava sendo compreendida. Ao fim das atividades orais, sempre solicitava que alguns alunos dessem suas respostas, comparando-as, anotando-as no quadro, para que houvesse a visualização da linguagem escrita.

Eu optei por apostilar o Caderno Pedagógico para os alunos, aos poucos, por blocos de atividades, para melhor acompanhar o desenvolvimento deles. Assim, após um intervalo de tempo, pude recolher as pastas, que eles providenciaram, com as atividades já realizadas, a fim de fazer as minhas análises.

Em se tratando da atividade final da Unidade 2 (produção de texto com apresentação informal, individualmente), a maior parte dos alunos teve bastante facilidade para realizá-la, sendo que tiveram grande prazer em falar sobre si mesmo, descrever seus gostos, hábitos, hobbies e ações rotineiras. Com exceção de alguns alunos (três deles), que não estavam presentes na sala, todos foram filmados

fazendo a leitura de seus textos e os vídeos foram apresentados em data show para toda a turma. Eles adoraram assistir aos vídeos, cujos protagonistas eram eles mesmos, e o que é melhor, falando em inglês.

No que se refere à apresentação final dos alunos, alguns apresentaram ótima pronúncia, a maioria razoável e cinco alunos encontraram bastante dificuldades, requerendo o suporte da professora.

## **2.2 Os Participantes do Grupo de Trabalho em Rede e o Projeto**

O Grupo de Trabalho em Rede – GTR é uma das atividades obrigatórias do PDE, prevista no Plano Integrado de Formação Continuada do Programa, com a finalidade de socializar as produções do professor PDE, por meio da interação deste com os demais docentes da Rede Estadual de Ensino (PARANÁ - PDE, 2013, p.70). Sendo assim, o projeto de intervenção *Competência Oral em Língua Inglesa: um desafio para a escola pública* foi ofertado como curso pelo GTR, na modalidade à distância, com início no dia 18/03/14 e término em 06/05/14, com carga horária de 60 horas, sendo que, como professora PDE/2013, atuei como mediadora/tutora de 12 participantes. Desta forma, tendo como referência o material postado pelos professores que participaram do referido curso, farei uma síntese das discussões e reflexões que foram produzidas neste ambiente de aprendizagem.

De acordo com os participantes, a problemática levantada no Projeto configura-se como uma preocupação inerente à maioria dos professores, não somente da Língua Inglesa, mas, também, de outras Línguas Estrangeiras Modernas, que atuam nas escolas públicas. Ainda segundo eles, uma das dificuldades que se apresenta para o ensino da disciplina é a falta de compreensão do aluno sobre a importância de se aprender um segundo idioma, considerando que, na maioria das vezes, os argumentos do professor nem sempre são capazes de convencê-lo, visto que a própria escola desvaloriza a disciplina. Complementando esta ideia, os cursistas afirmaram que, dentre todas as complicações para o processo de ensino aprendizagem, os da Língua Estrangeira não podem ser tratados como “um problema menor”, uma vez que inúmeros profissionais veem suas carreiras interrompidas pela barreira da língua, da mesma forma que crianças e jovens têm horizontes encurtados, porque dificilmente terão as mesmas oportunidades que os das classes socialmente favorecidas.

Fica notório, então, o quanto é importante que se levantem discussões a respeito deste tema, em que questões abrangentes possam ser refletidas, pois são nestes momentos em que se poderão apontar caminhos para se conseguir avanços, no que concerne a tal situação.

Dando continuidade às reflexões apresentadas, em se tratando do ensino da disciplina de inglês, trabalhar as habilidades de leitura e escrita é até aceitável pelo aluno, mas quando o conteúdo é a audição e oralidade, percebe-se, claramente, a resistência que se cria nele. Entretanto, segundo os professores, temos que criar situações que os envolvam e usar ao máximo a língua alvo, em sala de aula; pensamento que está fundamentado pelos teóricos que norteiam este estudo.

Os professores relatam, também, sobre as dificuldades que eles próprios têm em se tratando da habilidade oral, devido à formação acadêmica precária e à falta de formação continuada, que não lhes é oportunizada pelos órgãos educacionais competentes. Tais apontamentos nos levam à reflexão de que o professor trabalha em meio a muitos problemas, tentando ele mesmo, solitário em sua prática, solucionar uma situação, que é fruto de contextos complexos, que têm como origem desde fatores históricos, passando pela falta de atenção e investimento das autoridades governamentais, até o comodismo e a falta de comprometimento do aluno.

Em meio às discussões, foi indicado que, para avançarmos em nosso objetivo, a postura comunicativa do professor em sala de aula é fator fundamental. Portanto, se nós, professores de Língua Estrangeira, desejamos desenvolver a habilidade oral de nossos alunos, devemos ser o exemplo para eles.

Em um consenso, ao refletir sobre as dificuldades encontradas para o ensino da disciplina de Inglês, os participantes indicaram que os professores têm buscado trabalhar a oralidade em sala de aula, tendo obtido avanços, mas eles estão conscientes de que estão muito longe daquilo que consideram satisfatório, que seria poder dizer que seus alunos são capazes de usar a referida língua para se comunicarem.

### **2.3 A Visão dos Alunos sobre o Projeto**

A fim de se conhecer as impressões dos alunos, público alvo do estudo, sobre a abordagem e metodologias utilizadas pela professora, bem como sobre o material

adotado no Caderno Pedagógico para o desenvolvimento do Projeto PDE, foi aplicado um questionário ao final da implementação, cujo modelo será apresentado no Apêndice deste Artigo. Responderam ao questionário 23 alunos, dos 26 que estavam matriculados na turma.

Em uma análise às respostas dadas à questão 1, que diz respeito aos conteúdos trabalhados, observa-se que a maioria dos alunos (69,5%) consideraram os mesmos relevantes para a aprendizagem da língua inglesa. Quanto ao material que foi aplicado, item abordado na questão 2, ele foi avaliado como ótimo (52,17%) e bom (47,82%).

No que se refere ao domínio do conteúdo e à capacidade da professora de torná-lo acessível (questão 4), 69,56% indicaram que ela atingiu totalmente este quesito e 30,43% dos alunos apontaram que ela o fez parcialmente. Neste último item, o ideal seria que se fizesse um levantamento a fim de se descobrir as dificuldades que ocorreram durante o processo de ensino-aprendizagem destes alunos. No entanto, não houve tempo hábil para tal ação.

Já em se tratando das metodologias e abordagens utilizadas, no sentido de desenvolver a habilidade oral dos discentes, visando à participação/interação dos mesmos durante as aulas de língua inglesa, itens contemplados nas questões 3 e 9, 60,8% apontaram que elas conseguiram provocar uma aprendizagem mais efetiva, trazendo avanços para a turma no desenvolvimento desta competência.

No que concerne às atividades desenvolvidas na sala de aula (questão 5), foi perguntado aos alunos de quais gostaram mais e foram apresentadas a eles 4 opções de respostas: 39,1% escolheram atividades escritas; 52,1% optaram por atividades orais; 43,4%, selecionaram exibição de vídeos; 30,4% preferiram as produções de textos.

Quando perguntado aos alunos se gostariam de continuar aprendendo com as mesmas metodologias e abordagens, 91,3% responderam “sim”. Já no que se refere às dificuldades encontradas durante as aulas de inglês para a aprendizagem do referido idioma (questão 7), foram apresentadas a eles 4 opções de respostas: 8,6% optaram por “a falta de pré-conhecimento dos alunos no que se refere ao vocabulário, ao uso de estruturas gramaticais e da língua oral”; 47,8% escolheram “a indisciplina, as brincadeiras, a falta de interesse, atenção e dedicação por parte dos alunos”; 17,3% assinalaram as duas respostas anteriores em conjunto; 4,3% optou por “a carga horária (4 horas semanais), que é insuficiente para o aprendizado de

uma língua estrangeira”; 13,4% escolheram duas respostas: “a indisciplina, as brincadeiras, a falta de interesse, atenção e dedicação por parte dos alunos” e a alternativa que se refere à carga horária reduzida; 8,6% não responderam a esta questão.

Em se tratando do desenvolvimento dos alunos, aos avanços de sua aprendizagem pessoal, no que se refere à competência oral, (questões 6 e 9), depois de fazerem uma autoavaliação, aproximadamente 60% deles responderam que houve uma aprendizagem mais efetiva considerando esta habilidade. Analisando as respostas à questão 10, que abordam sugestões para a aula de Língua Inglesa, observei que atividades envolvendo músicas foram apontadas por 34,7% dos alunos; 13,0% responderam que deve haver mais interesse por parte dos alunos, que devem estudar mais, não bagunçar, prestar mais atenção; 8,69% sugeriram o trabalho com filmes e aumentar o número de aulas; 4,34% responderam que deve haver atividades com cartazes e mais treino da pronúncia; 17,39% apontaram que da forma como as aulas foram dadas está bom; 4,3% fizeram questão de enfatizar que o ensino da professora foi maravilhoso; 26,0% dos alunos não apresentaram sugestões.

Analisando as respostas dos alunos, foi possível constatar que eles perceberam suas dificuldades e avanços, de que forma gostam de aprender inglês e com quais atividades têm mais facilidade para fazê-lo. No que se refere às questões 8 e 9, diretamente relacionadas ao foco do projeto, nota-se que a maioria dos alunos gostou do desafio de usar a língua inglesa no espaço da sala de aula. Já em se tratando da aprendizagem da turma, como ocorre em qualquer disciplina, alguns têm mais facilidade para o domínio do conteúdo; enquanto outros têm que se dedicar mais, precisando de mais tempo para a construção de seu conhecimento.

Relatei, inicialmente, que a resistência dos alunos para falarem em inglês foi um dos desafios que tive de superar na aplicação do Projeto, então, resta uma questão que deve ser discutida: como devemos proceder diante das falhas na produção oral dos nossos alunos, sem correr o risco de inibi-los e desmotivá-los para o uso da oralidade em inglês?

Citando Holden (2009), a autora nos aconselha como proceder, alertando-nos para o fato de que devemos estar atentos aos objetivos propostos para a aplicação de uma determinada tarefa. Eis um exemplo que representa o pensamento da autora:



É importante se perguntar se os alunos estão fazendo uma atividade de fala voltada para a precisão ou para a fluência. A precisão será a meta se eles estiverem praticando para reforçar a compreensão do idioma. Nesse caso, é apropriado corrigir qualquer erro ou – sempre que possível – encorajar os alunos a corrigir os erros uns dos outros.

Em atividades de fluência, como debates, dramatização ou narrativa de histórias, você poderia interferir na concentração e na criatividade dos alunos ao interrompê-los com correções. É melhor tomar nota das dificuldades recorrentes [...] e lidar com elas depois que a atividade terminar (HOLDEN, 2009, p.109).

Seja para a motivação, os elogios, ou a correção diante da participação/interação oral dos alunos nas atividades propostas, uma de minhas preocupações, durante a implementação, foi a de apresentar o *feedback* aos alunos, após a realização das atividades, sempre considerando o foco delas, se era fluência ou precisão que estavam sendo observados, pois o projeto contemplou os dois ao longo da implementação. Tornou-se relevante, também, esclarecer aos alunos que a correção é parte do processo de construção da aprendizagem, sendo essencial que eles a encarem com tranquilidade. E foi o que eles fizeram.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao tecer as considerações finais deste artigo, é fundamental apontar a necessidade que se apresenta aos professores, autoridades governamentais e instituições escolares de se lançar um novo olhar sobre a disciplina de língua inglesa. Em especial, nós, professores, devemos nos inteirar das discussões que vêm ocorrendo entre os pesquisadores das diferentes áreas, em especial a acadêmica, sobre este novo status do inglês, na atualidade, diante das transformações que ocorreram no mundo globalizado, para que mudanças sejam propostas, no que se refere ao ensino deste idioma.

No que diz respeito aos alunos, por meio da implementação do Projeto, pôde ser constatado que a maioria deles se sente mais motivada a aprender inglês quando percebe que é capaz de se comunicar usando o referido idioma. Portanto, é de fundamental importância que os professores, em seus planos de trabalho, planejem espaços e atividades direcionados à prática da oralidade, bem como adotem uma postura mais comunicativa com seus alunos, encarando o processo de

ensino e aprendizagem da língua como um fenômeno dinâmico, sempre em constante construção.

Outra reflexão que este artigo nos traz é a do quanto é essencial o investimento na formação dos professores de Língua Estrangeira, por parte das autoridades governamentais e das instituições escolares, pois só a partir de estudos, reflexões e discussões, que precisam ocorrer de forma articulada entre os professores da disciplina, decisões poderão ser tomadas diante de cada contexto escolar, bastando para isto que os professores estejam sempre receptivos para construir e desconstruir concepções, conhecimentos, valores, crenças, com uma atitude sempre crítica, comprometida e reflexiva.

Embora existam muitos obstáculos para o desenvolvimento da competência oral dos alunos, devemos insistir em motivá-los para a utilização da língua em nossas salas de aulas de inglês, pois esta é mesmo uma tarefa complexa, mas não impossível. Penso que é a partir de aulas bem planejadas, seleção de boas estratégias e ações persistentes que poderemos colher bons frutos. E, quando os alunos perceberem que estão conseguindo se comunicar utilizando a língua inglesa, eles mesmos tornarão o processo de ensino e aprendizagem mais prazeroso.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1998.

DIAS, Reinildes. **Proposta Curricular de Língua Estrangeira para os Ensinos Fundamental e Médio: Razões para se Ensinar Língua Estrangeira**. Minas Gerais: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2002. 70 p. Disponível em: <[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/INDEX.HTM](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/INDEX.HTM)>. Acesso em: 24 abr. 2013.

HOLDEN, Susan. **O Ensino da Língua Inglesa nos dias atuais**. 1ª ed., São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009. 181 p.

LIMA, Nayra Silva; SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis. **A Abordagem Comunicativa no Processo de Aquisição de Língua Inglesa**. Ano 2013. Web-Revista SOCIODIALETO. Disponível em: <[www.sociodialeto.com.br](http://www.sociodialeto.com.br)>. Acesso em: 09 mar. 2013.

KAWAHARA, Tereza Setsuko Bando. **Proposta de Atividades para a Prática da Oralidade em Língua Inglesa**. 2008. 20 f. Produção Didático-pedagógica - Curso de Programa de Desenvolvimento Educacional, Secretaria de Estado da Educação

do Estado do Paraná, Foz do Iguaçu, 2008. Disponível em: <[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1947-6.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1947-6.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2013.

PARANÁ, Secretaria de Estado do (Ed.). **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna**. Curitiba: Paraná, 2008. 86 p.

PARANÁ, Secretaria de Estado do (Ed.). **Programa de Desenvolvimento Educacional: II Seminário Integrador**. Curitiba: Paraná, 2013. 98 p.

RIDD, M. D. (2003). **Um casamento estranhamente ideal? A compatibilidade de gênios entre o comunicativismo e a tradução**. *Revista Horizontes de Lingüística Aplicada*. Revista do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada - LET/UnB. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, v. 2, n. 1, p. 92-102. Jul. 2003.

SANTOS, Eliana Santos de Souza e. O Ensino de Língua Inglesa no Brasil. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, Bahia, v. 01, n. 01, p.01-07. Ago./Dez 2011. Semestral. Artigo 04. Disponível em: <[www.babel.uneb.br/n1/n01\\_artigo04.pdf](http://www.babel.uneb.br/n1/n01_artigo04.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2013.

SANTOS, Francisco José Costa Dos. **A Construção da Fala em Língua Inglesa: Um desafio Ainda Presente**. Ano 2009. Disponível em: <[www.dspace.universia.net/bistream/2024/Resumo\\_PARA\\_I\\_EPA.doc](http://www.dspace.universia.net/bistream/2024/Resumo_PARA_I_EPA.doc)> Acesso em: 13 mar. 2013.

SILVA, Adriana; DUQUE, Luciana Valeiras; SILVA, Solimar Patriota. **O Uso de Podcasts no Desenvolvimento da Oralidade em Língua Inglesa**. 2012. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

SILVA, Maria do Socorro. Dificuldades no Ensino da Oralidade em Aulas de Língua Inglesa. **Revista Fronteira Digital: Abrindo portas para o horizonte**, Pontes e Lacerda, MT, v. 04, Ano II, p.92-99, Ago./Dez., 2011. Semestral. Disponível em: <[www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/revista/fronteira\\_digital\\_n4\\_2011.pdf](http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/revista/fronteira_digital_n4_2011.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2013.

SMAAL, Beatriz. **Qual a ferramenta online mais confiável para se traduzir textos?** Abr. 2010. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/Google/4022-qual-a-ferramenta-online-mais-confiavel-para-se-traduzir-textos-htm#>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

TERRA, M.R. (2010). Tradução & aprendizado de língua estrangeira: o ponto de vista do aluno. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v 49, n. 1, Jan./Jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.php?pid=S010318132010000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.php?pid=S010318132010000100006&script=sci_arttext)> Acesso em: 10 nov. 2014.

## **APÊNDICE: Questionário aplicado aos alunos**

## QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO PROJETO PDE

Avaliação aplicada aos alunos da 1ª série C, do Ensino Médio, do Colégio Estadual São Vicente de Paula, tendo como objeto o Projeto de Intervenção Pedagógica “Competência Oral em Língua Inglesa: um desafio para a escola pública”, da professora PDE Salete da Silva.

1. Os conteúdos estudados foram relevantes para sua aprendizagem da língua inglesa?

- ( ) sim, totalmente  
( ) sim, parcialmente  
( ) não foram relevantes

2. Quanto ao material (apostila impressa) utilizado nas aulas de inglês, você o considera:

- ( ) ótimo  
( ) bom  
( ) razoável  
( ) ruim

3. As metodologias (formas de ensinar) adotadas pela professora tornaram a aprendizagem acessível (facilitada)?

- ( ) sim, totalmente  
( ) sim, parcialmente  
( ) não facilitaram a aprendizagem

4. A professora dominou os conteúdos e soube torná-los acessíveis (fáceis de serem compreendidos) aos alunos.

- ( ) sim, totalmente  
( ) sim, parcialmente  
( ) não dominou os conteúdos  
( ) não tornou os conteúdos acessíveis aos alunos

5. Que atividades desenvolvidas na sala de aula você mais gostou? **(Pode ser assinalada mais que uma opção)**

- ( ) atividades escritas  
( ) atividades orais  
( ) exibição de vídeos  
( ) produções de textos

6. Em relação ao desenvolvimento de sua habilidade oral, em língua inglesa, pode se afirmar que ela evoluiu:

- ( ) satisfatoriamente  
( ) razoavelmente  
( ) insatisfatoriamente  
( ) não houve evolução

7. O que você acha que atrapalhou a aprendizagem dos alunos, durante as aulas de língua inglesa? **(Pode ser assinalada mais que uma opção)**

- ( ) o número de alunos em sala, o que dificultou o atendimento individual por parte da professora.  
( ) a falta de pré-conhecimento dos alunos, no que se refere ao vocabulário, ao uso de estruturas gramaticais e da língua oral.  
( ) a indisciplina, as brincadeiras, a falta de interesse, atenção e dedicação por parte dos alunos.  
( ) a carga horária (4 horas/semanais), que é insuficiente para o aprendizado de uma língua estrangeira.  
( ) a metodologia/abordagem (maneira de ensinar) adotada pela professora.

8. Você gostaria de continuar aprendendo inglês com a mesma abordagem e metodologias utilizadas neste semestre?

- ( ) sim ( ) não

9. Em relação aos seus estudos de inglês, do 6º ao 9º ano, pode se afirmar que a abordagem utilizada neste semestre, visando à interação/participação dos alunos usando o referido idioma durante as aulas, trouxe bons resultados para a sua aprendizagem pessoal?

- ( ) sim, totalmente  
( ) sim, parcialmente  
( ) não apresentou bons resultados

10. Que sugestões você daria para melhorar as aulas de inglês, no sentido de que haja uma aprendizagem mais efetiva por parte dos alunos?